



O BRASIL E O ATLÂNTICO-SUL

Hermes de Araujo Oliveira

Coronel da Reserva do Exército Português. Possui os cursos de Infantaria e de Estado-Maior, do Exército Português, de Contra-guerrilha, na Argélia, e Curso Complementar de Informações, na França.

Foi adjunto para problemas da África, no Ministério de Ultramar, e responsável pelo serviço de informações sobre o Terceiro Mundo, no Ministério da Defesa Nacional.

1. OS GRANDES DESAFIOS AO BRASIL

O Brasil é, queiram ou não, a chave da América do Sul que, por sua vez, será o que ele for. Circunda-o uma cintura de países unidos, acima de quaisquer dissensões, por uma mesma origem hispânica, uma semelhança de tradições históricas entrelaçadas e, sobretudo, uma unidade lingüística, sem considerar os costumes e a cultura, embora hoje bastante diferenciados pela desigual contribuição dos contingentes nativos e pela força moderadora do meio físico diverso. Velhas desconfianças e litígios os separam, sem dúvida, mas não parecem de molde a impedir uma composição de interesses e uma conjugação de esforços, quando se trata de satisfazer a todas as ambições e todos os ressentimentos à custa do vizinho exótico, hoje, para eles, rico demais.

Dentre esses países destacam-se três por seu potencial — a Argentina ao sul, a Venezuela e a Colômbia ao noroeste, para não falar no Chile e no Equador por não terem fronteiras com ele.

Mesmo articulados em blocos — tanto o antigo Vice-Reinado da Prata (contando com o recurso da economia uruguaia) como a Grande Colúmbia (acrescida da Venezuela e do Equador) — o potencial de cada um deles apresenta-se, de momento, ainda bastante inferior ao do Brasil, que constitui, sem dúvida, o elemento fundamental do continente.

A análise do mapa da distribuição demográfica brasileira mostra que, para além de uma faixa da ordem de 300 km de profundidade, contados a partir da costa — que, por nela se concentrarem 3/4 da população, define o *ecúmeno* nacional — estende-se o Brasil marginal: vazio, inexplorado em sua maior parte, desvitalizado pela falta de gente a integrar-se na comunidade nacional e cuja grande expressão física, hoje ainda quase completamente passiva, importa valorizar.

Mercê de sua fraca densidade demográfica (pouco mais de 11 hab./km²), da pequena disponibilidade dos recursos técnicos e de sua civilização ainda em estágio muito distante do clímax, o Brasil é um país cujo "espaço econômico" (o solo em efetiva exploração econômica) representa ínfima parte do "espaço político" (o solo de fato ocupado pelos brasileiros e parte integrante da vida política nacional), por sua vez porção insignificante do "espaço físico", aquele que realmente está englobado pelas fronteiras do país. Na verdade, o espaço ecumênico deste mundo imenso, chamado Brasil, é ainda faixa relativamente estreita ao longo do litoral atlântico, pelo que nem o espaço político coincide com o espaço físico — pois muitas são ainda as regiões imensas a desbravar — nem o espaço econômico chega a ser metade do espaço político — visto bem pequenas serem as possibilidades de exploração do solo e do subsolo em larga escala, com proveito máximo.

Pode-se dizer, em síntese, que o Brasil era — e em grande parte ainda é — uma franja costeira humana, a cinturar um vastíssimo deserto de homens. É o imenso "hinterland", quase deserto ainda, à espera de vitalização, possuidor de riquezas desconhecidas que, com razão ou sem ela, a alma popular instintivamente sempre imaginou portentosa; é um espaço cuja potencialidade de atração vem acrescido da continentalidade de outros países mediterrânicos e até mesmo de imensas áreas cisandinas de nações do Pacífico, com ameaças atuais ou potenciais que só se poderão afirmar cada vez mais com o tempo; é, além de tudo isso, uma geometria que faz do Brasil um país voltado para dentro e onde os grandes rios e numerosos afluentes conduzem naturalmente ao coração do continente.

Por outro lado, o continente sul-americano, pobre em homens mas rico em terras, encontra-se colocado entre a Ásia, de pensamento meditativo, e a Europa, de pensamento racional e lógico, e isolado entre dois imensos oceanos, o Pacífico e o Atlântico. Encostado à majestosa Cordilheira dos Andes, voltou as costas ao primeiro daqueles continentes — a Ásia — e debruçou-se sobre o segundo destes oceanos, o Atlântico. Daí sua vocação ser fundamentalmente ocidental e não oriental. É compreensível, pois, que a atração do mar se exerça igualmente sobre o Brasil, até porque muito a favorece sua situação, dominante na costa ocidental do Atlântico-Sul, onde uma vasta massa de seu território se projeta para leste, a criar o estrangulamento Natal-Dacar, e uma extensa linha de costa de quase oito milhares de

quilômetros acentua a feição marítima de seu território, acessível a todas as linhas que cruzam os oceanos.

Assim, se de um lado está a terra, do outro está o mar, não um mar qualquer, mas o oceano mais unificado do globo, o de maior vitalidade do mundo, caminho sem igual das civilizações modernas, que liga o Brasil aos centros de produção e cultura do hemisfério norte, de onde lhe vêm e virão os mais fortes impulsos de renovação e de progresso, toda a técnica moderna, as ciências e as artes, do qual dependerá sempre sua prosperidade. Mais: onde o vasto litoral favorável, não muito recortado é certo, mas com bons portos em número satisfatório e em conveniente localização, e o dominante "promontório nordestino" a penetrar profundamente naquele oceano ao encontro da África — sem falar nas duas posições avançadas de Fernando de Noronha e Trindade — lhe abre, sem dúvida, francas perspectivas, não só de alicerçar em bases sólidas aquela prosperidade, libertando-o de uma deplorável escravidão às frotas de bandeiras estrangeiras, mas também de garantir por si próprio, contra quaisquer ameaças extracontinentais, suas extensas costas vulneráveis.

Verifica-se, assim, encontrar-se o Brasil em presença de um dilema muito mais importante amanhã do que hoje: *o do antagonismo entre as forças continentais e as atrações marítimas*. E se este dilema o obriga a voltar-se para terra, debruçando-se sobre si mesmo, numa luta ingente de integração da totalidade de seu espaço na vida nacional, impõe-lhe também que se volte para o mar, em busca dos contatos com as grandes civilizações mundiais, para se projetar no mundo e realizar seu imperativo de universalidade. Cumprir essas duas missões *corresponde para o Brasil a aceitar dois grandes desafios*.

O primeiro deles nasce do grande vazio nacional, o mais extenso do mundo depois do Saara e das regiões polares, onde o homem continua a ser o grande ausente, onde tudo é gigantesco, desde os problemas a enfrentar até a maior selva virgem do mundo a vencer. Está ele na base da aceleração do processo de desenvolvimento econômico e social do Brasil, pela utilização racional e adequada de suas terras e de seus potenciais, através de um gigantesco programa de ampliação de suas fronteiras econômicas. É a consciência da indispensabilidade de integrar na economia da Nação uma área um pouco superior à metade do território nacional, conquistando-a e colonizando-a. É a consciência de dar ao Brasil sua real e exata dimensão.

E a nova fronteira que se projeta nesse vazio vai dar ao espaço político nacional as dimensões de seu apoio físico. Será a grande fronteira que simboliza a caminhada rumo ao futuro de um povo decidido a ocupar seu lugar no mundo, de um Brasil que pretende ser, não simples espectador da História, mas sim um dos protagonistas do amanhã.

O segundo desafio chama-se Atlântico

Ocupa o Brasil grande parte da margem americana sobre esse oceano. Tudo quanto possui de importante e significativo em população, economia e posi-

ções localiza-se ao longo dessa margem, tornando marcante a predominância do ecúmeno nacional sobre o interior. Assim, posição geográfica, continentalidade e extenso litoral voltado para um único oceano são elementos de uma fatalidade geográfica que confere ao Brasil um destino marítimo. Os caminhos do mar são, na verdade, de ordem vital para a integração e para o desenvolvimento do País. A política de expansão do Brasil não pode tomar outro rumo que não seja o do Atlântico.

E no entanto, por ironia do destino, no Atlântico está o perigo para o Brasil

2. O BRASIL E A ÁFRICA

Os caminhos do mar — estrada por onde, no passado, a civilização se expandiu — são hoje a artéria vital do mundo, pela qual circulam os principais produtos indispensáveis à sobrevivência e ao progresso da humanidade, tais como cereais, minérios e petróleo. Essa dependência constitui, nos nossos dias, a fraqueza do Ocidente. Bastará dizer que, por eles, transita o petróleo importado pela Europa Ocidental (97%) e pelos EUA (33%), além de 70% das matérias-primas estratégicas de que, em conjunto, ambos carecem.

Para que petróleo e matérias-primas possam ser utilizados, indispensável se torna que os caminhos por eles seguidos possam ser percorridos, desde as origens até os pontos de destino. Isso significa o imperativo de os mares estarem livres.

Entre esses caminhos, destaca-se a rota do Cabo, o caminho do petróleo. A sua liberdade é, pois, vital. Falar em rota do Cabo é falar em Oceano Índico e falar em Oceano Atlântico é falar em África. Nascida no primeiro daqueles oceanos, aquela rota vem findar no segundo, acompanhando sempre o continente africano. Neste torna-se, assim, fundamental para a criação de bases que garantem aquela liberdade. Quem se instalar na África Austral será senhor da rota do Cabo, e quem estiver de posse desta dominará o Atlântico-Sul. Nessa circunstância reside a velha aspiração russa de se estabelecer em África, desde o Índico ao Atlântico. A alteração espetacular da situação político-estratégica daquele continente, após a retirada dos portugueses, com ocupação das posições de Angola e Moçambique, representou o primeiro passo para a realização efetiva dessa aspiração. Ao mesmo tempo, abriu-lhe as portas para o avanço em direção ao sul, criando assim condições que permitirão aos soviéticos estabelecer o domínio total da rota do petróleo.

Dessa maneira, instalada em costa oriental africana, a União Soviética passa a controlar a navegação no Índico Ocidental e a ameaçar os mais importantes centros de fornecimento de petróleo; sua presença na costa ocidental do mesmo continente confere-lhe capacidade de intervenção ativa no Atlântico-Sul e de ameaça ao continente sul-americano.

Assim, a África Austral, último reduto do Ocidente em África, integrado hoje pela Rodésia, a Namíbia e a República da África do Sul, assume importância estratégica decisiva. Na medida em que se identifica com a mais importante das

rotas marítimas, por estabelecer a ligação entre os dois oceanos mais navegados da humanidade. Nele se concentram, pois, as atenções do mundo.

A batalha por sua posse prossegue, sendo intensos os esforços em curso na montagem do dispositivo para o assalto a suas posições. A presença russa nessa batalha deu ao problema significado político-estratégico de dimensão global, atento o caráter vital do petróleo.

Tem a África particular significado para o Brasil. O futuro desse continente encontra-se, não no continente sul-americano, mas na Europa e, sobretudo, em África. É uma realidade geopolítica determinada, além do mais, pelas relações do passado e pela identidade das raízes lusíadas da metafísica de cultura. Em busca de sua realização plena, a África Negra dispôs, por muito tempo, de apenas dois caminhos: WASHINGTON e MOSCOU; depois, surgiu-lhe um terceiro: PEQUIM. Hoje, se o Brasil o quiser, pode apresentar-lhe um quarto: BRASÍLIA. Os interesses do Brasil apontam, na verdade, para a África. Caminhar nessa direção é, pois, um imperativo nacional. Mas terá de ser um caminhar em ritmo cada vez mais acelerado para que as inúmeras vantagens favoráveis ao Brasil não se tornem inúteis, por esse chegar demasiado tarde. Os competidores, além de persistentes, atuam em velocidade. A luta é de contra-relógio, em que os acontecimentos galopam de dia para dia: o que ontem era uma verdade deixou de o ser hoje, o que hoje é uma realidade positiva deixará de o ser amanhã. E, nessa corrida, vencerá aquele que conceber mais depressa e mais depressa dar execução a essas concepções.

3. O BRASIL E O ATLÂNTICO

Pensar em África implica, todavia, a obrigação de pensar no Atlântico-Sul.

Porque por ele fluem os valiosos produtos de trocas comerciais brasileiras, além do petróleo importado do Médio-Oriente e do minério de ferro exportado para o Extremo-Oriente, o Atlântico-Sul tornou-se a área geográfica e geoestratégica de segurança nacional do Brasil. E essa área passou a estar perigosamente ameaçada a partir do momento em que as forças navais russas obtiveram no Atlântico-Sul o apoio de que tanto necessitavam, surgindo em frente do continente sul-americano a força expansionista soviética.

A sobrevivência nacional impõe ao Brasil que procure, quanto antes, na outra margem do Atlântico, a segurança longínqua de que tanto necessita. Sua incomensurável potencialidade exige, por sua vez, que abra, desde já, no continente africano, as janelas para sua projeção no mundo futuro. Assim, a ameaça de hoje e a realidade de amanhã apontam numa mesma e única direção: a África. Por isso, afirmamos e repetimos: nela, sobretudo, está o futuro do Brasil. E a construção deste passa pela garantia da livre utilização do Atlântico-Sul, uma vez que, sem essa liberdade, a presença do Brasil no continente africano será uma utopia. Daí o imperativo de a assegurar.

A presença soviética na África Austral significa, antes do mais, a posse de extraordinária base de assalto ao continente sul-americano, a uma distância perfei-

tamente coberta pelo alcance dos meios modernos de que dispõe. Por outro lado, a ocupação dos excelentes portos em sua costa ocidental — Cabo, Simonstown, Moçâmedes, Lobito e Luanda — transformou o Atlântico, de oceano que era, em largo rio que passou a ser facilmente transponível a partir dessa margem hostil.

Surgiu, assim, no sul, uma ameaça concreta e real que, por haver alterado o equilíbrio de forças existente no Atlântico-Sul e ter determinado graves perigos em potencial para o continente sul-americano, *reclama a definição urgente de bases de uma estratégia*. E essa estratégia não poderá firmar-se sem participação dos países sul-americanos, que haverão de se unir, apesar dos fatores que os possam desunir.

Porque por aquele oceano passam hoje, obrigatoriamente, as riquezas do mundo, transformou-se ele num dos pontos nevrálgicos e explosivos no quadro da conjuntura mundial. Como consequência, tornou-se imperativo inalienável da estratégia universal defendê-lo contra o desafio que o controle russo da rota marítima do petróleo pode lançar à sobrevivência do Ocidente.

4. A DEFESA DO ATLÂNTICO-SUL

Por tradição, apenas alterada quando da Segunda Guerra Mundial, o Brasil sempre deu predominância à segurança interna. Hoje, porém, tudo está modificando. As profundas alterações sofridas, nos últimos dez anos, pelo contexto geoestratégico do hemisfério sul, envolveram, como não podia deixar de ser, o continente sul-americano e, com ele, o Brasil, obrigando a uma revisão de conceitos sobre segurança.

Assim, o Brasil, para sobreviver ao gravíssimo perigo que passou a ameaçá-lo, *não poderá deixar de considerar a transferência de sua tradicional preocupação de segurança no plano interno para o plano externo*.

O Atlântico-Sul é vital não só para o Ocidente mas também, e não menos, para o Brasil. Todavia, o Ocidente, obcecadamente voltado para o norte, teima em ignorar o perigo que paira sobre ele ao sul e cujos contornos estão bem esclarecidos e definidos, parecendo não acordar para tão dramática realidade. Terá, pois, o hemisfério sul de chamar a si a responsabilidade de garantir a liberdade de movimentos no mar, criando uma aliança própria.

A afirmação, tão freqüente, de que seu potencial será insuficiente para, por si só, dar garantia de um escudo capaz de cumprir a missão não tem valimento algum. Quando se trata da sobrevivência nacional, o dever há de ser cumprido, apesar de tudo e contra tudo, sem curar de saber quanto custa ou se supera a própria vida. E a defesa do Atlântico-Sul é um imperativo dessa sobrevivência.

Carece igualmente de validade justificar a inação com base na existência de tratados — TIAR e plano militar no âmbito da JID, com os consequentes Plano de Defesa do Tráfego Marítimo Interamericano e a Organização Interamericana de Controle e Proteção do Tráfego Marítimo — pois nenhum deles conseguiu, até hoje, o menor recuo nas intenções expansionistas soviéticas.

É no quadro do hemisfério sul que as bases da solução hão de ser estabelecidas. E esse quadro não se limita aos países atlânticos da América do Sul. Estende-se à própria África, onde existem três realidades estratégicas que de modo algum podem ser ignoradas: Angola, Moçambique e a República da África do Sul. Correspondem, a primeira à costa africana atlântica, fronteira ao Brasil, e a segunda à costa Índica, flanqueadora da rota. Nelas se localizam os melhores portos naturais do continente, todos eles testas de vias férreas que penetram no interior, dois dos quais, por permitirem a ligação das duas costas — Lobito—Beira — se revestem do mais alto significado geoeconômico e, em especial, geoestratégico. Porque se trata de realidades de expressão portuguesa não só na tradição mas também, e sobretudo, na língua e na cultura, o Brasil encontrará nelas a unidade de pensação e ação dada pela identidade de destino lusiada que haverá de os ligar no futuro.

Apresenta-se a terceira daquelas realidades, também, como peça indispensável à segurança da rota do Cabo e do Atlântico-Sul, porque, além de Índica é também atlântica, visto encontrar-se a cavaleiro de ambos os oceanos, passando obrigatoriamente por suas costas todos os navios que trafegam nos dois grandes mares. Assim, por lógica e por necessidade, a África do Sul tem de participar da solução. Mas a existência do "apartheid" dá lugar a um dilema trágico: ou combater com firmeza a ameaça, ignorando temporariamente o drama do "apartheid", a ser de novo considerado logo que eliminada aquela, ou então alegar o "apartheid" como problema fundamental e combatê-lo, permitindo que, entretanto, a ameaça se concretize e crie uma irreversível situação de morte. *Cumpra ao Ocidente fazer uma opção. O Brasil, porque é também Ocidente, tem de participar dessa opção.*

5. CONCLUSÃO

E surge, naturalmente, uma situação angustiosa: tem o Brasil de construir em África o seu futuro beneficiando-se, mercê de seu destino lusiada, das excepcionais vantagens de que desfruta junto dos povos negros, o que haverá de fazer através do Atlântico-Sul; sofre o Brasil, através do mesmo Atlântico-Sul, de grave ameaça partida de forças expansionistas baseadas em África. Quer dizer: o Atlântico-Sul é, para o Brasil, simultaneamente, o caminho promissor de penetração em África e o caminho ameaçador de invasão da América do Sul, o que significa ser, na realidade, a área geopolítica e geoestratégica de segurança nacional.

Como caminho de penetração em África, tem de ser mantido livre; como caminho de invasão, tem de ser barrado. *Impõe-se, pois, a criação de um dispositivo que, integrado pelas realidades estratégicas sul-americanas e sul-africanas, permita o cumprimento de missão tão complexa sem, todavia, comprometer o futuro dos países participantes.* Um deles é o Brasil, que tem seu futuro em África.

Como consequência, não poderá furtar-se à opção.